O CHAMADO AO TOLO E A HORA DA MORTE

A advertência que abre todo o poema é dirigida ao tolo, e não ao sábio, porque o tolo é justamente aquele que sabe muitas coisas e não pratica nenhuma. A ordem é simples e repetida três vezes, como um sino que toca para acordar quem dorme. Adora o Senhor, adora o Senhor, adora o Senhor, ó tolo. E o argumento que sustenta a ordem não é moral, é temporal. Quando chegar a hora destinada, de nada valerão as regras da gramática. A morte não negocia com a erudição. Ela chega no instante em que a vida ainda parece ter muito pela frente, e chega para o letrado e para o iletrado com a mesma indiferença. O que o texto chama de tolice não é falta de inteligência, é o adiamento. O tolo é aquele que empurra para depois o único assunto que não admite depois, e ocupa o tempo com aquilo que a morte desmonta sem esforço. A vida humana é contada em respirações, e cada respiração é uma oportunidade que não retorna. Por isso a exortação não pede estudo, pede virada de atenção. Enquanto o ar ainda entra pelas narinas, existe a possibilidade de voltar a mente para o que não morre.

Pesquisa Teosófica: Em A Chave para a Teosofia, Helena Blavatsky escreve que “quando se afirma que a ‘personalidade’ morre com o corpo, não se afirma tudo”, e com isso separa o que perece do que atravessa a morte, distinção que dá sentido à urgência de lembrar do Senhor enquanto ainda há corpo para

lembrar.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é ler A Chave para a Teosofia tomando nota de cada passagem que distingue personalidade e individualidade, para perceber como a doutrina da morte se torna uma doutrina de continuidade e não de fim.

A GRAMÁTICA QUE NÃO SALVA

O poema começa por atacar o saber que não transforma. Regras de gramática, declinações, sutilezas de linguagem, tudo isso é o orgulho de quem confunde o instrumento com a meta. Quando a hora destinada chega, essas regras não socorrem ninguém. A crítica não é contra o conhecimento, é contra o conhecimento que se toma por sabedoria. Existe uma diferença radical entre saber falar sobre o real e perceber o real, e o texto insiste que a segunda coisa é a única que atravessa o transe da morte. Há uma ironia fina aqui. O erudito que corrige o sânscrito dos outros é chamado de tolo pelo poema porque sua erudição serve de véu, e não de janela. Ele acumula informações sobre o sagrado sem nunca se voltar para o sagrado. É a diferença entre o mapa e o território, e o poema escolhe o território. A mesma exortação vale para qualquer época. Hoje o lugar da gramática é ocupado por títulos, citações e vocabulário técnico, e o critério de avaliação permanece idêntico. O que se pergunta, no fim, não é o que se sabia, mas o que se contemplou.

Pesquisa Teosófica: Em Os Mestres e a Senda, Charles

Leadbeater ensina que “muito discernimento e muita educação, autocontrole e mente bem treinada” formam a maior das bênçãos, mostrando que a instrução só se torna bênção quando vem acompanhada de discriminação e de domínio interior.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é comparar os capítulos de Os Mestres e a Senda que tratam da educação do discípulo com a crítica do poema à erudição estéril, e observar quanto da formação intelectual só vale quando serve à percepção.

A MIRAGEM DA RIQUEZA

Livra-te da miragem das riquezas, diz o verso, e concentra a mente apenas no real. A palavra escolhida não é acaso, miragem é algo que se vê e não existe, que se persegue e recua. A riqueza promete segurança e entrega inquietação. O poema desmonta a promessa por dentro e mostra o seu resultado psicológico. O homem rico teme até o próprio filho, porque a riqueza lhe ordena que tema. Aquilo que deveria proteger o vínculo se torna a razão do medo dentro de casa. Mais adiante a conclusão é ainda mais direta, a riqueza não traz o bem-estar e não está nela a alegria. A crítica não é moralista, é descritiva. O texto não condena o rico por maldade, mostra que a posse cria um regime de vigilância que corrói a paz de quem possui. E há um verso que fecha o argumento com uma pergunta, aonde vão os parentes quando a fortuna acaba? A resposta implícita é que os parentes eram da fortuna, não do

homem. A miragem, portanto, não engana apenas sobre o futuro, engana também sobre o presente, pois faz passar por afeto o que era interesse.

Pesquisa Teosófica: Em Karma Yoga, Swami Vivekananda afirma que “um homem não deve dizer que é pobre, nem que é rico — não deve se vangloriar de sua riqueza”, retirando da posse qualquer valor espiritual e colocando a dignidade no que se é e não no que se tem.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é ler as Cartas de um Estoico de Sêneca ao lado destes versos, pois Sêneca registra que “a aquisição de riquezas tem sido para muitos homens não um fim, mas uma mudança, de problemas”, e a convergência entre um estóico romano e um monge indiano revela o quanto a observação é universal.

O CORPO PERECÍVEL E A VELHICE

O poema conduz o leitor pelo corpo como quem mostra uma casa em ruína. Enquanto possui força para sustentar, o homem tem o afeto de quem sustenta. E a pergunta que segue é implacável, quem o sustentará quando lhe faltar força e a idade curvar a linha de seu corpo? A velhice aparece como revelação, porque retira uma a uma as camadas de prestígio que escondiam a fragilidade. A cabeça calva, as gengivas desdentadas, os passos trôpegos, a imagem é quase clínica em sua precisão. O corpo que foi instrumento de conquista se torna peso que precisa de muletas. E o verso seguinte acrescenta o

detalhe mais duro de todos, a força do desejo não o deixa, o que significa que o apetite sobrevive ao poder de satisfazê-lo. Há ainda a cena do cadáver. Enquanto o ar sopra pelas narinas, os familiares perguntam se está bem, mas quem não crispará o rosto ante o cadáver quando o sopro da vida o abandonar? A mesma carne que era beijada se torna repugnante em poucas horas, o que prova que o horror não está na matéria, está na retirada da presença que a habitava. O corpo é morada, não morador.

Pesquisa Teosófica: Em O Masnavi, Rumi escreve que é preciso lembrar disso “antes que os dias da velhice cheguem e amarrem o pescoço com ‘uma corda de fibra lenhosa’”, usando a mesma imagem de corpo aprisionado que o poema desenvolve, com a diferença de que Rumi transforma o lamento em convite à lembrança.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é estudar em A Doutrina Secreta a descrição dos princípios que compõem o homem, para compreender que a decomposição observada no corpo pertence ao invólucro e não ao princípio consciente que o animava.

O DESEJO E A ILUSÃO DA CARNE

Não te deixes engolfar pela ilusão ao veres o umbigo e o seio da mulher. Eles são carne e gordura, nada mais. A frase é brutal de propósito, e o seu alvo não é a mulher, é o olhar que projeta sobre a carne uma promessa que a carne não tem como cumprir. O poema faz uma operação de dissecação. Onde o desejo vê encanto, ele nomeia tecido. Repete o conselho,

lembra-te disto uma e outra vez, porque uma única constatação não desfaz hábitos antigos. Há aqui uma psicologia do desejo que antecipa séculos de observação. A imaginação trabalha mais que a percepção, e a maior parte do prazer está no intervalo entre o olhar e o toque. Descrita em seus componentes, a imagem perde o brilho. O mesmo procedimento será aplicado mais adiante ao corpo do asceta e ao corpo do velho, o que mostra que o poema não ataca a beleza feminina em particular, ataca a projeção em geral. O desejo não é negado por moralismo, é desmontado por análise. E a análise conduz a uma consequência prática, aquilo que promete eternidade não tem sequer permanência, e por isso não pode ser o fundamento da atenção de quem busca o real.

Pesquisa Teosófica: Em Karma Yoga, Swami Vivekananda diz que “aquele que é erudito, sem pecado e não contaminado pela luxúria, ele é o maior conhecedor do Brahman”, colocando a pureza do desejo como condição do conhecimento e não como simples virtude moral.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é ler em O Masnavi o verso que declara que “a luz de Deus é um adorno para a luz dos sentidos”, para compreender que a tradição mística não nega os sentidos, mas os recoloca em ordem diante de uma luz maior.

A GOTA SOBRE O LÓTUS

Como a gota que tremula sobre o lótus, assim é incerta a vida

humana. A imagem é de uma precisão extraordinária. A gota não caiu, mas nada a sustenta senão a tensão superficial de uma pétala lisa, e o menor vento a derruba. Não se anuncia a queda, ela simplesmente acontece. O poema retira daí duas consequências. A primeira é a compaixão, pois se a vida é incerta para todos, ninguém tem motivo para se considerar mais seguro que o vizinho. A segunda é o deslocamento do planejamento. Percebe como o mundo está enredado na tristeza, na doença e no sofrimento. A lista não é pessimismo, é diagnóstico. Uma vida construída sobre o que tremula está condenada a viver em alarme. E o versículo seguinte completa a lição com a alternância das estações. Dia e noite se alternam em sua ronda, o frio inverno sucede a primavera, o tempo vai e a vida se esvai, mas a tormenta do desejo nunca cessa. O contraste é o argumento central. Tudo à volta muda e passa, e só o desejo se recusa a passar. Por isso a instabilidade não está apenas fora, está dentro, e é essa a parte que o poema manda examinar.

Pesquisa Teosófica: Em As Cartas dos Mahatmas registra-se a palavra de Buda de que é necessário “se livrar inteiramente dos sujeitos da impermanência que compõem o corpo para que seu corpo se torne permanente”, formulação que explica por que a instabilidade da vida não é obstáculo à libertação, mas o próprio material do trabalho.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é estudar no Glossário Teosófico o verbete sobre os três axiomas do misticismo, impermanência, sofrimento e ausência de eu

permanente, e verificar como os três aparecem juntos nos versos deste poema.

O APEGO INTERESSADO E O PARENTESCO ILUSÓRIO

Quem é a tua esposa? Quem é teu filho? De onde vieste? Para onde vais? As quatro perguntas vêm em sequência e nenhuma pede resposta imediata. Elas desmontam a evidência do parentesco. O poema não manda abandonar a família, manda ver que a ligação que parece natural e eterna é uma construção de circunstâncias. Antes disso ele já havia dito o essencial, enquanto o homem tem força para sustentar, tem o afeto de quem sustenta. O afeto é medido pela capacidade de prover. Quando a força acaba, a pergunta que fica é quem o sustentará. A mesma lógica reaparece na imagem da fortuna que termina e dos parentes que desaparecem. O texto é implacável porque quer libertar, e não ferir. Quem entende que o vínculo familiar é uma tarefa e não uma posse passa a amar de outro modo, sem a angústia de quem precisa controlar. E a pergunta sobre a origem e o destino, de onde vieste e para onde vais, amplia o campo. A família é um acidente de nascimento dentro de uma viagem muito maior, e o poema exige que se olhe para a viagem, não apenas para o ponto de embarque.

Pesquisa Teosófica: Em Conversas sobre a Senda do Ocultismo, Annie Besant e Charles Leadbeater retomam a exortação apostólica de que se deve “pôr a afeição nas coisas que são de

cima, e não nas que são da terra”, princípio que não suprime o amor, mas o reorienta para o que não se desfaz.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é meditar sobre a diferença entre dever e apego, tomando como base as passagens de Karma Yoga em que Vivekananda mostra que agir bem sem exigir retorno é a forma mais alta de vínculo com o mundo.

AS TRÊS IDADES E A RODA DO SAMSARA

O menino se entretém com seus brinquedos, o jovem com o encanto da mulher, o velho com a lembrança do passado. Haverá tempo para contemplar a eternidade? Os três estágios são descritos com uma economia que dói. Cada idade tem o seu brinquedo, e o brinquedo muda de forma sem mudar de função. O menino tem objetos, o jovem tem o outro, o velho tem a memória, e a memória é o brinquedo mais sutil de todos, porque se apresenta como sabedoria. A pergunta que fecha o verso não é retórica, é um cálculo. Se as três etapas se ocupam assim, quando sobra o tempo da eternidade? E a resposta do poema é que não sobra, a não ser que se abra um espaço dentro da própria etapa. Em seguida vem a imagem da roda, bem estranha gira a roda do samsara, e o conselho de meditar nisso mais e mais. A roda não é punição, é o mecanismo do hábito. Gira porque cada volta confirma a anterior. Sair dela não exige força, exige percepção, e a percepção precisa de tempo, e o tempo precisa ser tomado de volta do brinquedo. Esse é o sentido da

exortação, ó irmão, medita nisto mais e mais.

Pesquisa Teosófica: Em Luz da Ásia, Edwin Arnold escreve que “a roda do nascimento e da morte gira baixo e alto”, imagem que os ensinamentos orientais desenvolveram para mostrar que o ciclo não tem começo nem fim por si mesmo e só se interrompe pela compreensão.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é estudar em Os Primeiros Ensinamentos dos Mestres a descrição do bardo, o período entre a morte e o renascimento, para entender que a roda do samsara tem intervalos, e que é nesses intervalos que a consciência costuma despertar ou se perder outra vez.

DESAPEGO E SATSANG, A ESCADA DA LIBERTAÇÃO

Em satsang se cultiva o desapego. O desapego emancipa da ilusão. Sem ilusão, chega-se à estabilidade. Com estabilidade advém a libertação. Em quatro frases o poema constrói uma escada e nomeia cada degrau. O primeiro é a companhia dos que buscam, porque o desapego não nasce do esforço solitário, nasce da convivência com quem já vê de outro modo. O segundo é a emancipação da ilusão, que não é uma conquista súbita, é a consequência natural de ver com clareza. O terceiro é a estabilidade, palavra que aqui não significa rigidez, significa ausência de oscilação. O quarto é a libertação, e note-se que ela vem por último, como fruto, nunca como objetivo direto. Quem busca a libertação quer o último degrau sem subir os outros, e por isso gira no primeiro. A ordem tem uma lógica interna rigorosa. Não se pede que o buscador se torne estável por vontade, pede-se que ele se aproxime da companhia certa e que

cultive o desapego, e a estabilidade vem como efeito. A escada é percorrida de baixo para cima, e o degrau inicial está ao alcance de qualquer um.

Pesquisa Teosófica: Em Escritos Diversos, Annie Besant registra que “a mente é difícil de refrear e inquieta; mas pode ser refreada pela prática constante e pelo desapego”, fórmula que confirma a ordem do poema, pois a prática e o desapego são os dois meios e a quietude é o resultado.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é ler em Conversas sobre a Senda do Ocultismo a distinção entre o desapego inferior e o desapego superior, para perceber que a escada do poema tem ainda um trecho além da estabilidade, no qual o próprio desejo de libertação é abandonado.

MAYA, O SOPRO DA ILUSÃO E O MAR DO ABSOLUTO

Liberta-te das vagas que o sopro de Maia faz surgir e ancora a tua atenção no mar do absoluto. A metáfora é oceânica e precisa. As vagas são muitas, o mar é um. As vagas surgem do sopro, e o sopro é o que dá movimento aparente ao que já está parado. Maia não cria o mundo, cria a agitação que faz o mundo parecer independente do mar. A instrução prática que sai da imagem é o verbo ancorar. Não se pede que o buscador elimine as vagas, pede-se que ele fixe a atenção naquilo que as sustenta. A diferença é decisiva, porque tentar parar as vagas à força é a tarefa impossível que consome vidas inteiras. E o

poema acrescenta, não te gabes de riqueza, amigos, juventude, pois tudo podes perder em um instante. Cada um desses bens é uma vaga, e cada vaga tem a mesma duração breve. A ilusão, portanto, não é a existência do mundo, é a atribuição de solidez ao que passa. Quem ancora no mar pode ver as vagas sem ser arrastado por elas, e é justamente essa possibilidade que o verso oferece como saída.

Pesquisa Teosófica: Em Conversas Inspiradas, Swami Vivekananda observa que “se toda esta Maya é tão bela, imaginem a beleza prodigiosa da Realidade por trás dela”, ensinamento que não nega o valor da manifestação, mas o situa como reflexo de algo maior.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é estudar em A Doutrina Secreta a doutrina de Maya junto com a de Brahman, pois as duas só se explicam mutuamente, e a leitura isolada de qualquer uma delas leva ao pessimismo ou ao panteísmo fácil.

A FALSA RENÚNCIA E A PURIFICAÇÃO SEM SABEDORIA

O poema expõe uma figura que engana a muitos. Muitos deixam seus cachos emaranhados, muitos raspam cada fio de suas cabeças, muitos juntam seus cabelos em um coque, mas quem vê a verdade em frente aos olhos caminha pelo mundo com as carnes flácidas. A enumeração é um retrato dos sinais exteriores da renúncia, cabelo comprido, cabeça raspada, coque de asceta,

e a conclusão é que o sinal não garante a substância. Em seguida vem a cena mais dura. A cabeça calva, as gengivas desdentadas, os passos trôpegos, ele se sustenta como em muletas, mas a força do desejo não o deixa. Ao seu lado, desnudo, senta-se imóvel o asceta, come da comida que lhe dão em uma tigela, resiste ao sol que queima e ao frio que o enregela, mas é um fantoche nos dedos das paixões. A palavra fantoche é o centro da crítica. O corpo pode ser disciplinado até a imobilidade, e a paixão continuar movendo o interior. E o argumento se estende aos ritos. Podes mergulhar no Ganges para te purificares, cumprir jejuns, dar tua fortuna em caridade, porém, se não houver sabedoria em teus atos, nem em mil vidas alcançarás a libertação. A purificação externa não substitui o discernimento, e a caridade sem sabedoria é apenas transferência de posse.

Pesquisa Teosófica: Em Escritos Diversos, Clara Codd registra a frase de Annie Besant de que é “o signo do Sacrifício que é Alegria, da Renúncia que é Paz, do Serviço que é Liberdade”, definição que exige que a renúncia produza paz, e não exibição, para ser verdadeira.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é comparar a figura do asceta fantoche com as passagens de O Masnavi sobre a renúncia vazia, e observar que ambas as tradições desconfiam do gesto exterior quando falta o estado interior correspondente.

PRANA, SENTIDOS E O NOME SANTO

A última instrução do poema é a mais concreta de todas. Controla o prana. Recolhe os sentidos. Discrimina entre o real e o transitório. Aquieta a mente. Invoca os nomes santos e resiste ao poder da distração. São cinco verbos em sequência, e cada um prepara o seguinte. O prana é a força vital, e controlá-lo significa regular a respiração que alimenta a agitação. Recolher os sentidos significa fechar as portas pelas quais a distração entra. Discriminar é a operação intelectual que separa o que permanece do que passa. Aquietar a mente é o resultado das três anteriores. Invocar os nomes santos é o sustentáculo que impede a queda depois da quietude, porque a mente aquietada sem apoio tende a voltar ao ruído. E o poema encerra com a entrega ao guru. Ó devoto dos pés de lótus do guru, possas em breve estar livre do samsara. Com os sentidos e a mente controlados, experimentarás o Senhor no coração. A graça não substitui o esforço, ela coroa o esforço. E o último verso retoma a advertência inicial, adora o Senhor, ó tolo, se não invocas os nomes do Senhor, como cruzarás o oceano deste mundo? O círculo se fecha onde começou, e a repetição é o método.

Pesquisa Teosófica: Em Raja Yoga, Swami Vivekananda aconselha a “unir a repetição mental do ‘Om’, ou de alguma outra palavra sagrada, ao Pranayama”, unindo exatamente os dois elementos que o poema coloca lado a lado, a regulação da força vital e a invocação do nome.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é estudar

em O Poder do Pensamento, de Annie Besant, o capítulo sobre o aquietamento da mente, no qual se mostra que “a própria tentativa de assim aquietar a mente logo produz um passo adiante na evolução da consciência”, e aplicar esse princípio à sequência dos cinco verbos do poema.

Gerado por GET HERMES • 2026-11-26 • Corvo Seco
Bibliografia utilizada: A Chave para a Teosofia; Os Mestres e a Senda; Karma Yoga; O Masnavi; A Doutrina Secreta